

***O DESTINO  
DOS SEGREDOS***

Livro 134

*Escritos do eu*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***ALMAS OCULTAS***

Não tenho acesso as almas ocultas, de difícil acesso, olhos não veem, ouvidos não ouvem, impulsos domesticados, idas sem volta, passageiros, vazios, cultivadores de anomias, letárgicos, eram tristes de tanto sê-lo, agora lhes acompanha a melancolia. Se lhes perguntam por suas melancolias discursam sobre seus corações sozinhos. Caminham sem rumo definido, esquecidos de seus sonhos e de que algum dia prometeram e se comprometeram no seu passado. Movendo-se por caminhos errados não souberam voltar. Não souberam ficar, enterraram as histórias e as canções de ninar que lhes permitiram dormir em paz, alimentados e acompanhados.



## ***MINHAS CRENÇAS***

Acreditei ingenuamente em uma etapa da minha vida que poderíamos existir com muito menos ódio e muito mais amor, que a paz venceria as guerras e a honestidade

seria albergada sem resistências. Despertei para o mundo vendo que o ódio é mais facilmente acolhido que o amor, o ódio pode e é estimulado a ser publicamente manifestado enquanto o amor com imensa frequência é evocado para usar o próximo e dele se beneficiar o perverso e o abusador. Então passei a acreditar nos seres humanos como grupos, vi guerras por religião, política, crenças das mais variadas, intolerâncias alimentadas, escolas povoadas de ódio entre adultos e adolescentes, universidades escondendo a ética e o humanismo por detrás de protocolos, métodos e ausência de singularidades. Charlatães disseminados em qualquer lugar ocupando perigosos poderes, esfumou-se a palavra e o fio do bigode, a preservação da intimidade e o exibicionismo agressivo jogado na cara de quem não está no mesmo jogo. Novas culturas absolutamente irracionais e sem apoio algum, apenas surgindo como contraposição ou oposição a algo construído, planejado e institucionalizado. A vitória enlouquecida do não sobre o sim, cabeças esvaziadas repetem o que não conhecem, impõem condições nada civilizadas destruindo aqueles que não compartilham com suas ausências de essências e de decências. Desde então passei a não acreditar nas instituições manipuladas pelos piores.

## ***A BURRICE COMEMORADA***

Quero manter a consciência tranquila até morrer, domesticar minhas bestialidades sem exagerar a dose, detesto a renúncia e a rota da superficialidade. A burrice comemorada e o tecido artificial, de laboratório, seja para fazer roupas ou inventar o transhumanismo. Todos cheiram mal em contato com corpo e a alma humana.



## ***A LEMBRANÇA MAIS DOCE***

Um instrumento toca em surdina onde o esquecimento não penetra, a eternidade da música desce como um aviso, me faz afastar o morrer como se tudo fosse só tudo a vida minha, decide e fica comigo a lembrança mais doce que escapou da imagem para ser um sentir amplo. Faz-se um existir em um imenso futuro ainda não chegado. Volto como à casa ao anoitecer, o jantar artesanal, a cama aquecida, o escuro que estende os espaços e as paixões que se animam a comemorar nos sonhos grandes amores.

## *MONÓLOGOS E DIÁLOGOS*

Aquele que fala com a palavra cheia de significado, conhecimento e leveza, ganhará parte do inquestionável. Falar é um exercício perigoso que quase todos fazem como se não houvesse riscos. Cada palavra passeia pelo imaginário alheio que dará nova interpretação de acordo com a escuta, sendo assim sempre as palavras carregarão vários sentidos provocando riquezas e confusões. Soam vozes de todos os lados, com o passar do dia tenho um incomodo de escutar sons que soem mais altos. Em devidas circunstâncias, em que tom e conteúdo, oferecem uma condição propícia a manter alguma conversa, prestar ouvidos à sons humanos. Falas inclusivas, com presença da alteridade sempre serão mais interessantes que falas que enalteçam a primeira pessoa, então entenderemos que dois monólogos jamais constituirão um diálogo.

## ***AINDA ESPERO***

O dia aparece lento, sem urgências, termina de despedir-se da noite que parte em seu habitual silêncio carregando solidões. Ensinando-me muitas coisas que aprende desde muito cedo, o renascer da vida que segue me acolhendo, algumas lembranças escapadas das censuras ainda buscam aceitação. O ofício de sonhar se estende à vigília buscando por uma travessia que abra livros e leia umas páginas, elas me agarram com uma mão muito forte, procuro, procuro, espero ver gente com a alma depositada e a paz fortalecida, porém, eles têm outros compromissos.



## ***QUEM É***

Dono do futuro e do passado, que me olha silencioso mesmo quando peço consolo, que me afaga quando dormido para não me acostumar mal, para que se despede para experimentar meu apego, que me declara indiferença para que não lhe peça desviar-me do meu



indefinido destino, fazendo pouco caso nem para dores velhas nem às ameaças não acontecidas. O presente cauteloso não se arrisca a sair do seu lugar, qualquer fuga deixará vazios prontos para crescerem como incômodos habitantes correndo entre a criança que já fui e o senil que ainda não sou. Ficando o presente perdido sem saber o meu lugar, sem idade, sem me encontrar.



### ***MINHAS SENHAS***

Quando o amor descobriu as minhas senhas, em mim entrou me encontrando descuidado, meio que abandonado, sem a cor, o verniz e a luz. Sem tempo de refazer não sei o que, ele não tolera desperdícios, maus humores, tristezas reiteradas, afeições corruptas, confiabilidades corrompíveis, vícios suaves convidando falsos prazeres, o dia seguinte com quem não escolhi.

## ***COMO VIVER?***

Como viver? Tenho tantas tarefas adiadas e valiosas. Saudar o dia, olhar o pássaro que desperta a flor da minha varanda, beber o café com o santo pão com manteiga de cada dia, olhar meu rosto para certificar-me que ainda estou vivo, confirmar ser esta a minha mesma casa de ontem, manter a companhia dos livros e das fotos que sustentam minhas memórias pelas paredes. Ouvir que as horas não estão confusas no relógio do meu avô, que algo antigo, do passado, sustenta pontualmente o presente sem se aventurar a entrar no futuro. Os amigos se alternam, os livros descansam depois de lidos, não retiro da memória a falta que sinto da infância dos meus filhos. Agora gosto mais da natureza, antes não tinha tempo para contemplar até concluir que ela me dá um prazer diferenciado. Atendo aos fios que articulam meu redor, exigem disponibilidade para enxergar o que olho. Ganho uma nova forma de vida desaparecida no mundo do “tenho que”. Vi o silêncio do sol pendurado na nuvem, orgulhoso de si, assistindo a pobreza dos habitantes curvados cruzando ruas com medo de perder uma rotina que eles abominam repetidamente. O tédio já não serve nem para privar

o valor de sonhar, não confia nem respeita o direito de respirar em paz, no meu ritmo. Tenho uma missão de carregar uma máscara que me sufoca substituindo minha face e a celebração de ser livre. Depois de um tempo de ausência, vejo que sendo moradia da noite a montanha arde de tanto verde, habita o sol em suas entranhas, a paisagem é mesma que assiste o todos os destinos.



### ***AINDA ESPERO***

Oponho-me que a lastima se apodere dos meus interesses mais nobres, que o meu albergue se confunda com meu o refúgio e a minha amorosa expectativa seja substituída por escassos retornos. Ainda luto por alcançar um entendimento que torne possível as chuvas como alimento da bondade, como privilegio da natureza para com os leais estampando nas arenas movimentos de comemoração.

## ***MEU SECRETO LUGAR***

Hoje me retirei da agitação, me pus a meditar em meu secreto lugar preferido, tentando ser uma melhor companhia que ontem, consagrando um silêncio que soa grato, intérprete, é um bom lugar para evocar a honestidade de não mentir, rivalizo a sinceridade com a desculpa, faço desaparecer o prazer efêmero para deixar repousar dúzias de imagens ressuscitando lenta recuperação com a mente aberta, aportes pessoais formam meu dia, súbito saltam surpresas inundando-me de imagens da minha cidade natal. Animado pela saudade deixo o excesso de sentimentos para a poesia celebrar sua amizade misturando-nos a perder de vista.



## ***PEREGRINO***

Pensar-me peregrino faz parte de uma proposta em desuso. Desde um par de anos conto com outros modos de deslocar-me. Ser pastor, viver albergado protegendo e protegido, trabalho buscando o destino, na eterna

preparação para receber o inesperado faço disto uma diária espera. Isso é parte do meu aprendizado, imagino o tempo como acidentes geográficos, fronteiras definidas, sempre abertas, porque se fechadas significa posseção imposta, limites alheios à minha demanda de circulação permanente. Vi países desabitados, a expansão atrofiada ajuda ao povo deixar de existir.



### ***TENHO UMA LEMBRANÇA***

Tenho uma lembrança recorrente perseguindo a vontade cada vez que evoco desejos de encontros. Caminho do estreito transita entre a busca e a fuga. A saudade é uma protagonista que nem sempre é pessoa, às vezes, gestos, a paz dos refúgios, um silêncio restaurador, preciosas recordações, da paisagem, do sonho próprio, da solidão que me recebia sonhador.

## ***DA NATUREZA***

Aprendo da natureza vivendo com a natureza e dos livros tudo o que ela, a natureza é capaz de motivar, conversações que existem fundando vozes que enaltecem, investem, uma enxurrada de palavras que dão bom exemplo, sentires emergindo dos verdes, das flores, das nascentes, das paisagens, verter os olhos para chegar onde nada se nos perda.



## ***MEU TEMPO***

Reparto meu tempo com as árvores, como a descoberta de um tesouro a composição da raiz, tronco, ramos e folhas, misturados musgos, ninhos, fungos, temo os bosques por desconhecer suas portas e janelas, quase labirintos me desafiam a ficar horas convivendo com um conjunto que se nega a dormir e crescem sempre até consolar-se como montanha. entre ações e conversações se organizam meus interesses sobre aqueles espaços. O dialogo entre o material e o imaterial.

## ***DESCONHECIDAS***

Leio na varanda, pessoas que não conheço se aproximam da piscina que está logo abaixo de onde me encontro. Olham-me com a curiosidade de quem tenta alcançar o título do livro que tenho nas mãos. Falavam dos seus planos de ir à praia, elas contam tudo isso sem me indagar se será de meu interesse participar. Rompeu-se a minha privacidade, aquela conversa não tinha salvaguardado alguns princípios, nem o final já que se afastaram sem nada confirmar.



## ***MEUS MARES***

Meus mares com dilúvios contrastam com minhas calmarias, ao prometer manter a paz, incremento enredos, no campo dos armistícios aumento os desencontros, acelero as discórdias. Nas vezes em que dispenso a humildade, me atrevo a desafiar minhas próprias fragilidades sem avaliar os riscos, é quando me vejo menos atento, nada sábio, atrevido e ausente de suavidades. Tudo aquilo que deveria despertar-me assombro, evoca desprezo.

## ***O CRIME DO MELANCÓLICO***

Diante da uma vela noticia se me entorpeciam as novidades, não fluía o sangue passando pela veia que não o transporta. Defender causas passadas é como apostar no já sabido triunfo ou fracasso. A expectativa diante do desconhecido guarda em si uma inusitada possibilidade, um tranze, uma realização nunca alcançada. Muitos passam pela vida esperando conhecer o tom do canto das sereias ou o triste fim das almas das estátuas, é como tentar desentranhar delírios como aqueles sustentados pelo melancólico que se acusa de um crime que jamais cometeu.



## ***O TEMPO NA MINHA IDADE***

Na minha idade economizo calendários, um mês vale um ano, se triste tardará um mês, se alegre será em um segundo. Minhas emoções desorganizam meus relógios, enlouquecem sua precisão, não basta dar-lhes corda, as emoções não as aceitam e eles, os tempos de percepção, as obedecem.



## ***MINHA FRONTEIRA***

O ponto que define a fronteira do meu lugar, é um engenho da criação que esvazia, meu lugar repleto de histórias não cabe em um mapa, em um ponto, em uma contração, ficam incompreensíveis se não dizem de todas as histórias que guardam, ficam incompletos sem as dores, as perdas, os sonhos, as alegrias, os ventos que moveram, as chuvas que alimentaram, a terra inchada fertilizada e a mão generosa que falava o mesmo idioma. A terra mede as horas pelas gotas, a noite noticia algo que o sol não conhece. Os mapas nunca leram os tempos das transformações, estáticos, são fixos como as almas mortas, como as histórias mal contadas, contam longas histórias com dois ou três traços. Arrisco-me a dizer-lhes que esses pontos que aqui vejo nos mapas, me comunicam uma data que não sei qual, num lugar que não se pode reconhecer, no dia em que o mundo se preparava para algo não sabido e que toda abreviatura esquece o principal. Conferem esse costume supostas formas de exercer as Ciências ao responder sobre muitas coisas sem haver perguntado o suficiente para saber o que perguntam e o que respondem.

## ***DEDUÇÃO - MAIAKÓVSKI***

Não acabarão com o amor,  
nem as rugas,  
nem a distância.  
Está provado,  
pensado,  
verificado.  
Aqui levanto solene  
minha estrofe de mil dedos  
e faço o juramento:  
Amo  
firme,  
fiel  
e verdadeiramente.



## ***A MORTE É UMA BOBAGEM***

A morte é uma coisa imbecil, uma bobagem que se mete na vida. Eu não me preocupo com a morte, porém confesso que tenho pena de deixar tudo isso que

conheci e vivi. Minha vida sempre foi intensamente vivida, sempre tive paixão pelo que fiz. Algumas vezes me vejo olhando como se fosse por a última vez. Seria esta a consciência de finitude?



### ***O DESTINO DOS SEGREDOS***

Destinei um lugar especial aos espantos. O segredo está em saber guardar, até que alguma inspiração acabe na tumba ou como raios fingindo-se de pássaros, aproveitando-se dos ventos ligeiros dos mares, na ausência de obstáculos fluam como o sangue nas veias. Já se perde a noção se eram doces pecados ou ações nocivas à memória e ao caráter, sem poder discriminar, de ser neutros nos reveses e nos acertos. Todas as pistas provocam as cegueiras, a realização não está na pressa, mas no que se avança.

Roberto Curi Hallal

